



VII Encontro Internacional  
de Formação na Docência  
*7th International Conference  
on Teacher Education*

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
IPB, Bragança, PORTUGAL

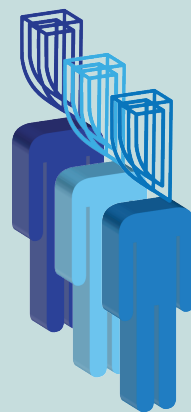
# livro de atas conference proceedings

[incte.ipb.pt](http://incte.ipb.pt)



**inct'e'23**  
international  
conference on  
teacher education

Bragança . 2023



**Título | Title**

VII Encontro International  
de Formação na Docência: Livro de Atas

7th International Conference  
on Teacher Education: Conference Proceedings

**Editores | Editors**

Cristina Mesquita, Elisabete Mendes Silva, Manuel Vara Pires, Rui Pedro Lopes, Paula Vaz  
Instituto Politécnico de Bragança

**Editores Gráficos | Graphic Editors**

Jacinta Costa, Carlos Casimiro da Costa  
Instituto Politécnico de Bragança

**Apoio Técnico | Technical Support**

Clárisse Pais

**Publicação | Publisher**

Instituto Politécnico de Bragança

**Morada | Address**

Escola Superior de Educação de Bragança  
Campus de Santa Apolónia  
5300-253 Bragança . Portugal  
<http://incte.ipb.pt/>  
[incte@ipb.pt](mailto:incte@ipb.pt)

**ISBN**

978-972-745-318-4

**HANDLE**

<http://hdl.handle.net/10198/28160>

**DOI**

<https://doi.org/10.34620/incte.2023>



### Presidência da Comissão Organizadora | Conference Chairs

Cristina Mesquita | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Manuel Vara Pires | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

### Comissão Organizadora | Organising Committee

Ana Raquel Prada | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Elisabete Mendes Silva | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Jacinta Costa | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Luís Castanheira | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Maria da Conceição Martins | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Paula Vaz | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Rui Pedro Lopes | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

### Secretariado | Secretariat

André Brasil | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Cristiana Ribeiro | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Maria Luísa Azevedo | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Nelson Quina | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Patrícia Teixeira | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Ricardo Ramos | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Rosilda Reichert | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Samir Zedam | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Sandra Gonçalves | Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

### Organizado por | Organised by



### Apoios | Sponsors



## Comissão Científica | Scientific Committee

Adorinda Gonçalves (IPB, Portugal)  
Alexandra Soares Rodrigues (IPB, Portugal)  
Alexia Dotras Bravo (IPB, Portugal)  
Amélia Marchão (IPPortalegre, Portugal)  
Ana Claudia Loureiro (IPB, Portugal)  
Ana Garcia Valcárcel (USAL, Espanha)  
Ana Lúcia Pinto (IPB, Portugal)  
Ana Paula Florêncio Aires (UTAD, Portugal)  
Ana Paula Laborinho (FEA, Portugal)  
Ana Paula Martins (UMinho, Portugal)  
Ana Raquel Prada (IPB, Portugal)  
Angelina Sanches (IPB, Portugal)  
António Domingos (ULisboa, Portugal)  
António Guerreiro (UAlgarve, Portugal)  
António Nóvoa (ULisboa, Portugal)  
António Vasconcelos (IPS, Portugal)  
Ariana Cosme (UPorto, Portugal)  
Assunção Folque (UEvora, Portugal)  
Carla Araújo (IPB, Portugal)  
Carla Guerreiro (IPB, Portugal)  
Carlos Neto (ULisboa, Portugal)  
Carlos Teixeira (IPB, Portugal)  
Carlos Silva (UMinho, Portugal)  
Catarina Vasques (IPB, Portugal)  
Chee Hoo Lum (NIENTU, Singapura)  
Christine Pascal (CREC, Reino Unido)  
Cláudia Martins (IPB, Portugal)  
Cristina Martins (IPB, Portugal)  
Cristina Mesquita (IPB, Portugal)  
Daniela Gonçalves (ESEPF, Portugal)  
Delmina Pires (IPB, Portugal)  
Domingos Fernandes (ULisboa, Portugal)  
Eduardo Lopes (UEvora, Portugal)  
Elisabete Mendes Silva (IPB, Portugal)  
Elza Mesquita (IPB, Portugal)  
Evangelina Bonifácio (IPB, Portugal)  
Feliciano Henriques Veiga (ULisboa, Portugal)  
Fernando Martins (IPC, Portugal)  
Flávia Vieira (UMinho, Portugal)  
Gabriela Portugal (UAveiro, Portugal)  
Gianina Ana-Massari (UAICDlasi, Roménia)  
Graça Santos (IPB, Portugal)  
Helena Rocha (UNova, Portugal)  
Henrique Teixeira-Gil (IPCB, Portugal)  
Ilda Ribeiro (IPB, Portugal)  
Isabel Cabrita (UAveiro, Portugal)  
Isabel Mociño-González (UVigo, Portugal)  
Isabel Chumbo (IPB, Portugal)  
Isabel Vale (IPVC, Portugal)  
Isolina Oliveira (UAberta, Portugal)  
Jacinta Costa (IPB, Portugal)  
João Carvalho Sousa (IPB, Portugal)  
João Cristiano Cunha (IPB, Portugal)  
João Formosinho (UMinho, Portugal)  
Joaquim Machado (UCP, Portugal)  
Jorge Ramos do Ó (ULisboa, Portugal)  
José Manuel Cardoso Belo (UTAD, Portugal)  
Juan Carlos Hernandez Beltran (USAL, Espanha)  
Juan Gavilan (UConcèpcion, Chile)  
Juan R. Coca (UVa, Espanha)  
Juha Lahtinen (TAMK, Finlândia)  
Júlia Oliveira-Formosinho (UCP, Portugal)  
Leoncio Veja Gil (USAL, Espanha)  
Leonor Santos (ULisboa, Portugal)  
Letizia Cinganotto (INDIRE, Itália)  
Lídia Machado dos Santos (IPB, Portugal)  
Lídia Sanz Molina (UVa, Espanha)  
Lina Fonseca (IPVC, Portugal)  
Lourdes Montero (USC, Espanha)  
Luís Barbeiro (IPLeiria, Portugal)  
Luciana Cabral Pereira (UTAD, Portugal)  
Lucía Casal de la Fuente (UVigo, Espanha)  
Luís Castanheira (IPB, Portugal)  
Luís Menezes (IPV, Portugal)  
Luís Sebastião (UEvora, Portugal)  
Luisa Panichi (UPisa, Itália)  
Manuel Meirinhos (IPB, Portugal)  
Manuel Vara Pires (IPB, Portugal)  
Maria Mezquita-Fernández (UVa, Espanha)  
Maria Assunção Flores (UMinho, Portugal)  
Maria da Conceição Martins (IPB, Portugal)  
Maria do Céu Ribeiro (IPB, Portugal)  
Maria do Céu Roldão (UCP, Portugal)  
María Alonso-Cortés (ULEón, Espanha)  
Maria Figueiredo (IPV, Portugal)  
Maria Isabel Castro (IPB, Portugal)  
Maria José Rodrigues (IPB, Portugal)  
Maria Raquel Patrício (IPB, Portugal)  
Marília Castro Cid (UEvora, Portugal)  
Maja Ljubetic (USplit, Croácia)  
Mário Cardoso (IPB, Portugal)  
Mark Daubney (IPLeiria, Portugal)  
Marta Saracho Aranaíz (IPPorto, Portugal)  
Mercedes López-Aguado (ULEón, Espanha)  
Michiel Heijnen (MACademy, Netherlands)  
Miguel Guerra (UMálaga, Espanha)  
Miguel Ribeiro (UCampinas, Brasil)  
Nélia Amado (UAlgarve, Portugal)  
Neusa Branco (IPSantarém, Portugal)  
Nuno Paulo Santos (IPB, Portugal)  
Olga Santos (IPLeiria, Portugal)  
Paula Maria Barros (IPB, Portugal)  
Paula Vaz (IPB, Portugal)  
Paula Quadro Flores (IPPorto, Portugal)  
Paulo Afonso (IPCB, Portugal)  
Pedro Mucharreira (ULisboa, Portugal)  
Pedro Tadeu (IPG, Portugal)  
Pilar Gútierez Cuevas (UCMadrid, Espanha)  
Rosa Novo (IPB, Portugal)  
Rui Pedro Lopes (IPB, Portugal)  
Rui Trindade (UPorto, Portugal)  
Rui Vieira (UAveiro, Portugal)  
Sandie Mourão (UNova, Portugal)  
Sandra Regina Soares (UNEB, Brasil)  
Sani Rutz da Silva (UTFPR, Brasil)  
Sara Barros Araújo (IPPorto, Portugal)  
Sofia Bergano (IPB, Portugal)  
Sónia Galinha (IPSantarém, Portugal)  
Sonia Rodríguez Cano (UBU, Espanha)  
Susana Carreira (UALg, Portugal)  
Susana Colaço (IPSantarém, Portugal)  
Susana Gómez Redondo (UVa, Espanha)  
Tony Bertram (CREC, Reino Unido)  
Vanessa Delgado Benito (UBU, Espanha)  
Vitor Gonçalves (IPB, Portugal)

## Índice

### INCTE 2023 – VI Encontro Internacional de Formação na Docência

<b>Nota de abertura</b> .....	1
Formação de professores e escolas: que desafios num mundo interconectado? .....	3
<i>Cristina Mesquita, Elisabete Mendes Silva, Manuel Vara Pires, Rui Pedro Lopes, Paula Vaz</i>	
<b>Mesa Redonda</b> .....	7
Desafios na formação de professores e nas escolas num mundo interconectado: uma conversa com e entre A. C. Cortez, N. Zagalo e S. Peralta .....	9
<i>Isabel Chumbo (moderador)</i> <i>Susana Peralta, Nelson Zagalo, António Cortez (intervenientes)</i>	
<b>Currículo e Formação de Educadores e Professores</b> .....	21
Education for sustainable development and teacher training in Italy: the “Rigenerazione Scuola” plan .....	23
<i>Giambattista Bufalino, Gabriella D’Aprile, Cristina Trovato</i>	
Fluência representacional numa abordagem tecnológica em matemática e física .....	33
<i>Tânia Coelho, Maria do Carmo Botelho, Helena Rocha</i>	
Formação de professores para o uso das tecnologias digitais da informação e da comunicação... ..	45
<i>Solange Ciqueira Haetinger, Odilon Luiz Poli</i>	
Importância do currículo na formação inicial de professor primário na aprendizagem dos alunos em Angola .....	57
<i>Lúcia Chipuca, Carlos Silva, Fernando Ilídio Ferreira</i>	
Literacia financeira no 1.º CEB: o papel do jogo na natureza no desenvolvimento da aprendizagem .....	70
<i>Ana Oliveira, Fernando Martins, Rui Mendes</i>	
Mudanças curriculares para a formação inicial de professores brasileiros: avanços e retrocessos .	82
<i>Rosa Vasconcelos, Elton Fireman</i>	
O processo de formação de professores na licenciatura em matemática: currículo e a profissionalização docente .....	91
<i>Francisco Jucivânio Félix de Sousa, José Claudio Del Pino</i>	
Políticas de formação de professores no Brasil: a influência da agenda neoliberal .....	101
<i>Marilandi Maria Mascarello Vieira, Fernando Ilídio Ferreira</i>	
Professores, formação, comunidade e tarefas de aprendizagem profissional: uma tessitura à construção de conhecimentos profissionais .....	113
<i>Vera Cristina de Quadros, Susana Carreira</i>	

**Desafios na formação de professores e nas escolas num mundo interconectado: uma conversa com e entre A. C. Cortez, N. Zagalo e S. Peralta**

**Challenges to teacher education and schools in an interconnected world: a conversation with and between A. C. Cortez, N. Zagalo and S. Peralta**

António Carlos Cortez<sup>1</sup>, Nelson Zagalo<sup>2</sup>, Susana Peralta<sup>3</sup>, Isabel Chumbo<sup>4</sup>  
Ciência ID: A315-2DBD-3793, <https://orcid.org/0000-0002-5478-0650>,  
<https://orcid.org/0000-0002-3516-2339>, <https://orcid.org/0000-0002-9630-2905>  
[legiaourbanapoesia@gmail.com](mailto:legiaourbanapoesia@gmail.com), [nzagalo@ua.pt](mailto:nzagalo@ua.pt), [peralta@novasbe.pt](mailto:peralta@novasbe.pt),  
[ischumbo@ipb.pt](mailto:ischumbo@ipb.pt)

<sup>1</sup> *CEHUM - Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Portugal*

<sup>2</sup> *Universidade de Aveiro, DigiMedia - Centro de Investigação de Media Digitais e Interacção, Portugal*

<sup>3</sup> *Nova School of Business and Economics, Portugal*

<sup>4</sup> *Instituto Politécnico de Bragança, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Portugal*

### **Resumo**

O papel da tecnologia no âmbito educacional tem sido objeto de um debate considerável na atualidade. Uma abundância de literatura, composta por livros, artigos, estudos e intervenções públicas de especialistas em educação e tecnologia, tem contribuído para uma polarização de posições que não se coaduna com a necessidade de uma integração de ambas as vertentes, essencial para uma instituição de ensino que aspira ser integradora, holística e atualizada. A presente mesa-redonda apresentou ambas as perspetivas e sublinhou a imperatividade de encontrar um equilíbrio, que, simultaneamente, incorpore a tecnologia, mas assente primordialmente na figura do professor enquanto polarizador de um ambiente de ensino e aprendizagem saudável, propício ao diálogo eficiente com os alunos, frequentemente apelidados de nativos digitais. Ao longo desta sessão serão abordadas diversas questões de relevo, tais como a formação do corpo docente, o potencial transformador da internet, os efeitos do uso prolongado de ecrãs na capacidade de atenção, o porvir da tecnologia nas instituições de ensino, a presença da inteligência artificial, a (des)igualdade no acesso à educação num mundo alegadamente interconectado e os desafios do quotidiano enfrentados pelas escolas perante a realidade digital.

**Palavras-Chave:** formação de professores, nativos digitais, brecha digital, equidade educativa.

### Abstract

The contemporary discourse on the role of technology in education has engendered considerable debate among scholars, fostering a plethora of literary contributions including books, articles, studies, and public interventions by experts in the fields of education and technology. This discourse has led to an ideological polarization that does not align seamlessly with the imperative of an integration of both elements within an educational framework aspiring to be comprehensive, holistic, and contemporary. The present round table aims to elucidate the divergent perspectives on this matter and underscores the imperative of striking a balanced equilibrium that incorporates technology while prioritizing the central role of the teacher as the cornerstone in cultivating a conducive teaching and learning environment. The teacher is essential in fostering meaningful dialogues with students, often denoted as digital natives. This session sought to delve into a spectrum of pivotal issues encompassing teacher training, the transformative potential of the internet, the repercussions of prolonged screen exposure on attention spans, the future trajectory of technology in educational institutions, the integration of artificial intelligence, disparities in educational access within an interconnected global landscape, and the day-to-day challenges confronted by schools in the context of the digital reality.

**Keywords:** teacher education, digital natives, digital divide, educational equity.

## 1 Introdução

A organização da conferência convidou três individualidades, António Cortez, Nelson Zagalo e Susana Peralta, para uma mesa-redonda que pudesse debater sobre os desafios na formação de professores e nas escolas, tendo em conta o cenário de mundo interconectado. Dada a diversidade de percursos dos três convidados, parece-nos útil iniciar esta publicação com breves notas biográficas sobre os mesmos.

**António Carlos Cortez** desenvolve atividade científica na área da literatura e cultura portuguesas como investigador do CEHUM da Universidade do Minho. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, pela Universidade Nova de Lisboa. É professor de português e de literatura portuguesa desde 2001, e leciona cursos de poesia portuguesa. Possui uma pós-graduação em Ciências da Educação, com profissionalização em exercício e estágio pedagógico. Colabora com o *Jornal de Letras* e outros órgãos de comunicação social e foi consultor do Plano Nacional de Leitura. Publicou quinze livros de poesia desde 1999, tendo recebido diversos prémios literários. Publicou diversos livros sobre literatura e cultura, bem como um romance. A isso acrescem diversos ensaios sobre a leitura, a poesia e a educação.

**Nelson Zagalo** é Professor Catedrático na Universidade de Aveiro e Coordenador Científico do DigiMedia - Centro de Investigação de Media Digitais e Interação. Fundou a Sociedade Portuguesa para as Ciências dos Videojogos e o *Journal of Digital Media & Interaction*. Foi consultor tecnológico e científico para empresas, programas de financiamento europeus e nacionais, e acreditação de cursos de educação superior. Publicou mais de uma centena e meia de artigos, com revisão por pares, em revistas, livros e conferências no mundo. Escreveu os livros *Emoções Interactivas* (2009), *Videojogos em Portugal* (2013) e *Engagement Design* (2020).

**Susana Peralta** é docente na Nova School of Business and Economics (SBE) desde 2004, tem um doutoramento em Economia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. É especialista em Economia Pública e Economia Política, com incidência na fiscalidade e federalismo fiscal. O seu trabalho é publicado em revistas académicas, tais como *The Economic Journal*, *Journal of Public Economics* e *Journal of Public Economic Theory*. Ensina ou deu vários cursos na Nova SBE, incluindo Finanças Públicas, Microeconomia, Ética e Política Económica, e Pobreza: Conceitos e Desafios. Ensina também Economia em Programas de Educação Executiva. Foi diretora académica do Mestrado em Economia, do Mestrado em Investigação, e do Doutoramento em Economia. É colaboradora regular do jornal português Público e integra o Conselho Económico e Social.

As questões colocadas e as respostas obtidas conduziram-nos através de um debate que permitiu vislumbrar desafios, soluções, bem como perspetivas de pensamento futuras. Através da leitura deste diálogo pretendemos dar a conhecer ângulos diversos em áreas que será relevante explorar. Este diálogo não pretende apresentar-se enquanto proposta acabada, nem uma solução perentória para questões que se vivem na escola atual. Acreditamos que esta conversa proporciona pontos de vista passíveis de serem desenvolvidos e investigados sob outras formas, que este volume certamente aborda.

Inicia-se a conversa...

**Isabel Chumbo (IC):** A nossa primeira pergunta parte do pressuposto de que existe um contexto específico, com um conjunto de conhecimentos, ferramentas, competências e atitudes necessárias para se ser bem-sucedido num mundo alegadamente interconectado. Nesse sentido, que desafios existem para a escola?

**António Carlos Cortez (AC):** Eu para responder a isso gostaria de começar por ler um breve trecho de um livro que me parece importante e depois teceria apenas duas considerações sobre este excerto:

Estamos a viver uma situação muitíssimo preocupante. O tempo que as novas gerações passam a interagir com os smartphones, os tablets, os computadores e a televisão é elevadíssimo. Aos dois anos, as crianças dos países ocidentais consagram todos os dias quase três horas em ecrãs. Entre os oito e os 12 anos esse tempo aumenta para cerca de 4 horas e 45 minutos. Entre os 13 e os 18 anos a exposição é em média de 6 horas e 45 minutos diários. Em termos anuais são cerca de mil horas para um aluno do primeiro ciclo de ensino básico, quase o mesmo número de horas de um ano escolar, e 1700 para um do segundo ciclo. Já para um aluno do terceiro ciclo e do ensino secundário, falamos de 2400 horas anuais, o equivalente a um ano e meio de trabalho a tempo inteiro. Mesmo na universidade, o cenário não é diferente. Tende inclusivamente a piorar. Ao contrário do que se passava antes, há hoje uma profusão de ecrãs a que os nossos filhos e estudantes estão expostos, que está longe de lhes melhorar as aptidões. Na verdade, acarreta consequências pesadas ao nível da saúde, obesidade ou desenvolvimento de doenças cardiovasculares e diminuição da esperança de vida. Em termos de comportamento, agressividade, depressão, ansiedade. E no campo das

capacidades intelectuais, aquisição de linguagem, concentração, memorização. (Desmurget, 2021)

Tudo isto afeta gravemente o rendimento escolar dos chamados nativos digitais. Nesta obra que me parece pertinente da autoria de Michel Desmurget, neurocientista, com o título *A Fábrica de cretinos digitais*, este assunto da exposição aos ecrãs é largamente debatido. Trata-se de uma preocupação que não é ficção. Quem frequenta a escola há 20 anos, quem dá aulas há 25, pode talvez considerar que as tecnologias digitais podem ser extremamente úteis no contexto de ensino e aprendizagem.

Por um lado, facilitam metodologicamente a pesquisa. Alargam, de facto, o universo de aquisição de cultura de outras latitudes, a velocidade a que se pode aceder às informações, contribuem para que haja um diálogo entre comunidades científicas que é benéfico. Porém, num contexto em que nós percebemos que as competências da escrita e da leitura estão a falhar, eu pergunto muitas vezes se não há que rever algumas questões, nomeadamente o tempo que crianças e jovens passam em contacto com o mundo digital, que impede que venham a ter efetivas competências de escrita e de leitura, a chamada leitura inferencial, um conhecimento alargado sobre questões de História, de Geografia, História das mentalidades, e capacidades críticas de análise, por exemplo, dos chamados textos complexos, seja ele texto literário, seja muitas vezes texto não-literário, até o ensaio seja de que área for.

Creio que sem grande hiperbolização se pode afirmar que os nossos estudantes têm um déficite grande no que diz respeito a questões de história, de conhecimento da história, história das mentalidades. Ignoram factos que para nós são óbvios. Ainda há pouco tempo numa aula sobre o século XVI e Camões, já no ensino superior, ninguém sabia o que é que tinha sido o Concílio de Trento. Entendo que isto é grave e pode multiplicar-se. Os exemplos são muitos e, para compreender melhor este fenómeno, convidaria quem porventura tenha dúvidas acerca das competências efetivas das gerações mais novas a ler *A fábrica de cretinos digitais*. Não só este, mas também mais duas obras: *A civilização do peixe-vermelho*, de Bruno Patino (2020), e *Os superficiais*, de Nicholas Carr (2012).

Creio que um dos desafios com que a escola ou o ensino em geral está confrontado tem que ver com o saber equilibrar de modo harmonioso aquilo que são conquistas óbvias da revolução digital.

O processo de ensino-aprendizagem tem atualmente um peso enorme nos ecrãs, perdendo-se aquilo que me parece ser o fundamento de toda a relação pedagógica, que é o contacto humano e a transmissão do saber através de uma comunicação humana com o centro, reforço, com o centro não nos ecrãs, mas no livro.

Por exemplo, propõe-se que os exames de acesso à universidade, a partir de 2024, sejam digitais. Isso leva-me a questionar se num cenário pós-pandemia, em que sabemos que a maioria dos estudantes tiveram dois anos sem ter aulas de facto, em que muitas vezes o que ocorreu foram sessões *online* que oscilaram entre a superficialidade e a ausência de conteúdo, que competências é que podemos dar às gerações mais novas sem conteúdos que passam pela memória? Bruno Patino afirma no seu livro *A civilização do peixe-vermelho* que há estudos sobre isso, que a memorização, a capacidade de retenção das gerações mais novas hoje, no ato de ler um texto complexo, é de pouco mais de 4 minutos. E isto parece-me que é extremamente grave. Não obstante eu concordar, e não querer inviabilizar o digital, parece-me que existe atualmente uma espécie de fascínio, a meu ver

um pouco provinciano, relativamente àquilo que são as tecnologias em contexto escolar ou em contexto universitário.

**IC:** Ficaram algumas provocações no ar...

**Nelson Zagalo (NZ):** É sempre interessante termos estes debates e naturalmente não vou estar aqui a contradizer o colega de painel, até porque estou habituado a este tipo de confrontações de ambos os lados. Normalmente estou em painéis com pessoas ligadas à tecnologia, que têm uma visão no outro extremo e, por vezes, também estou com colegas das ciências sociais e das ciências humanas, como é o caso do António, que têm a visão do outro lado. Portanto estou bastante habituado a isso e acho até um pouco curioso trabalhar os dois mundos e tentar encontrar um meio termo, o que não é fácil. Não é fácil, porque quando converso com os meus colegas da engenharia informática, das matemáticas, para eles, isto é tudo muito simples e tudo muito básico. Nesse sentido os medos e os receios não fazem sentido algum. Para eles as máquinas não fazem mal a ninguém e os humanos é que são o problema.

No entanto, compreendo a intervenção do António Cortez e estou de acordo com uma boa parte do que ele referiu. Apesar de não estar de acordo em nada com Michel Desmurget, porque muito daquilo que ele faz é usar um conjunto de estudos com uns números muito interessantes que nos deslumbram e a partir dos quais depois estabelece um conjunto de conclusões macro que são difíceis de alcançar. Entendo que não é possível partir de um número de X pessoas que usam X ecrãs e a partir disso concluir que tenho uma sociedade deprimida.

Existe uma quantidade tão grande de variáveis que deprime a sociedade e que coloca as crianças em problemas, que francamente eu analisar um número de horas que as pessoas passam a olhar para os ecrãs não me transmite nada, nem me diz absolutamente nada.

Basta pensar que as pessoas estão hoje em dia sempre a olhar para o telemóvel, porém existem fotografias de 1920 em que as pessoas vão no comboio todas a olharem para o jornal. Ora ninguém se queixava, mas hoje como é um telemóvel é um problema.

A mim parece-me que esta questão está relacionada com o que é novo, com o que é desconhecido, e existe sempre uma certa relutância a esse respeito.

Recentemente houve um massacre no Brasil e o presidente do país atirou as culpas para os videojogos, afirmando-se que esses estavam a mudar as crianças no Brasil. Isto acaba por ser uma reação fácil, atirar a culpa para cima destas coisas que toda a gente conhece, porque todos nós temos crianças em casa que os jogam e de vez em quando percebemos a existência de alguns aspetos dos quais não gostamos. Isto é pouco sério.

A questão é que existem milhares de estudos sobre violência e jogos e demonstram zero. Existem outros que fazem essa correlação, mas depois são facilmente desmontados. Parece-me, pois, que esse não é o caminho. Este problema já existiu com os livros de banda desenhada nos anos 50 do século passado, com a televisão, com o cinema, ou seja, estes fenómenos vão acontecendo e fazem parte do contexto.

A questão da tecnologia e da sua presença no nosso mundo de uma forma tão constante e pervasiva é claro que nos perturba. E eu não tenho as respostas para isso. Aliás, o meu problema neste momento já está um pouco para além dessa questão da presença dos ecrãs. Refiro-me à inteligência artificial e, por exemplo, ao ChatGPT.

Isto, sim, é algo que pode vir a mudar drasticamente todo o paradigma que nós temos de ensino. Neste momento não sabemos muito bem o que é que pode vir a acontecer com este tipo ferramentas.

Para quem está aqui neste auditório e dá aulas está confrontado com a situação de poder vir a receber trabalhos dos alunos sem que se saiba se efetivamente foram eles que os produziram. Não existe nenhum meio anti-plágio que se possa utilizar. Até porque os alunos são suficientemente espertos para pedir ao ChatGPT para escrever e reescrever de forma a que seja impossível detetar que um texto tenha sido escrito por uma máquina. Por isso, neste momento, isso é aquilo que me preocupa mais. Estas ferramentas vão curto-circuitar o pensamento crítico. E isto é muito problemático e não existe forma de lidar com isto. Está neste momento um conjunto de pessoas a reunirem-se em vários quadrantes do globo. A China está a tentar rentabilizar isto ao máximo possível, nos Estados Unidos existem grupos a pensar sobre isto. Obviamente que não se vai conseguir parar esta engrenagem, ela está no terreno e vai-se manter.

Na verdade, não estou a ver como é que uma criança vai aprender a desenvolver competências de escrita e de leitura, se não produzir ela própria o texto. E quando eu digo texto digo também imagens e digo também vídeos porque já estamos a chegar aí. Neste momento basta escrever uma frase e a ferramenta fornece uma imagem sem problemas de direitos de autor. No entanto, já temos muito arautos no mundo da educação que defendem que estas ferramentas devem ser aquilo que nós devemos ensinar às nossas crianças nas escolas, porque são o futuro.

Existe já uma espécie de mantra que diz que nós não vamos ser substituídos pela máquina, mas pela pessoa que souber usar a máquina. Ou seja, há para aqui uma quantidade de ideias que são muito interessantes, mas que na verdade me parecem todas muito ocas ainda. Porque na verdade nós não temos ainda neste momento dados empíricos sobre nada disto.

Nós não podemos esquecer que hoje em dia o ensino é massivo, nós não fazemos uma seleção e uma filtragem dita natural ou artificial, como era feita há 100 anos. As pessoas que iam para o ensino superior ou que chegavam ao fim do ensino secundário não eram as mesmas que chegam hoje. E, por isso, se eu quero que todas as pessoas cheguem ao fim do ensino secundário, eu não posso ter um nível de exigência que tinha há 100 anos, porque se eu tiver não vão lá chegar. E é obvio que é muito fácil atacar as escolas e afirmar que elas facilitaram o ensino, que levaram o contexto das crianças para dentro da escola.

A verdade é que estamos a falar de massas de pessoas que têm origens muito distintas, têm perfis cognitivos e emocionais muito distintos, e por isso temos de ser nós a fazer alguma aproximação a essas pessoas. A consequência natural é que vai, de certo modo, desvirtuar-se aquilo que são os padrões clássicos daquilo que é a educação e daquilo que é a nossa ideia de uma cultura.

**IC:** Perante este cenário, que desafios se colocam então à escola?

**Susana Peralta (SP):** Sobre essa questão eu acho que não vale a pena nós tentarmos empurrar o vento com as mãos. As tecnologias estão cá para ficar e, mesmo eu que adoto tudo tarde demais, vejo algum valor nelas. Sei que o ChatGPT pode ser muito útil para dar *feedback* construtivo a alunos, utilizando apenas alguns pontos, mas eu acho mesmo muito divertido estar aqui a tirar umas notas e a organizar eu as ideias. Eu não quero que o ChatGPT me tire esse prazer intelectual de ser eu a organizar as minhas próprias ideias.

De facto, os alunos, hoje em dia nas aulas, vão todos com o computador portátil. Atualmente, os meus alunos têm acesso aos *slides* antes da aula. Precisamente porque acho que é mais útil, eles assim podem tirar notas nos *slides* e eu também compreendo que é mais fácil tirar notas no pdf e até mais ecológico. Aquilo que eu reparo, relativamente ao pré-pandemia, se calhar estou a exagerar, é que 70% não está a tirar notas. Não está a olhar para os *slides*. Portanto essa questão da atenção é importante.

Durante a pandemia foram uma geração horrivelmente sacrificada, eu entendo que aquilo que se fez aos jovens durante a pandemia é um crime geracional. Ressalvo que não sou negacionista, acho que houve um problema de saúde pública que estatisticamente não atacava os jovens.

O crime que nós cometemos com esta geração, de os obrigar a estar em casa em frente ao computador, foi tremendo. Porque é óbvio que, quando nós lhes pedimos para eles fazerem o ensino em casa, é evidente que por trás de todas aquelas janelinhas pretas que nós tínhamos no Zoom, se calhar havia dois ou três que nos estavam a ouvir, e havia certamente até porque eles interagiam. E depois havia uma enorme quantidade deles que estavam a ler notícias.

No entanto, penso que o mundo em geral vai no bom sentido, portanto, eu acredito que vamos encontrar um equilíbrio nisto. Aquilo que eu verifico nas minhas aulas é que, por vezes, os alunos vão para ali para estar a olhar para o Instagram e então estão a perder o tempo deles. Eu já não falo do meu. Porque eu não me importo de estar ali com os 10 alunos que estão atentos. Portanto, eu acho que nós temos desafios enormes do ponto de vista das tecnologias digitais, eu acho que não é obviamente o único desafio. Também não podemos cair na “parolice” de achar que tudo pode ser gamificado. Até porque muitas pessoas não têm acesso a essas tecnologias digitais, portanto as tecnologias digitais são também muito desiguais. Porque uma coisa é a pessoa ter acesso a um equipamento que dá para ver o TikTok, outra coisa é a pessoa ter acesso a um equipamento que permite também ser um instrumento de aprendizagem. E isso obviamente é muito desigual. Não tenho problemas em exemplificar isto com os meus filhos, que são de uma família altamente educada, com rendimento elevado, numa casa com condições e com equipamento e com infraestrutura de internet. Durante a pandemia eles aprenderam coisas com o ensino em casa que não teriam apreendido se estivessem na escola. Portanto, para eles, foi bom. Aprenderam a organizar o seu trabalho, a ter uma agenda, a imprimir documentos e às tantas estavam realmente muito autónomos.

Durante a pandemia houve muitas pessoas que me escreveram a relatar os seus casos, por exemplo, houve um pai que me escreveu a dizer que tinha um telemóvel em casa, e que os três filhos tinham de ter a escola nesse telemóvel. Portanto, era um uso rotativo. Será um exagero passar para a gamificação total, para os testes *online*. Obviamente que isso cria desigualdades enormes. Eu acho que esse é um dos desafios, mas eu acho que nós temos um outro desafio, que é paralelo a esse ou que se junta a esse de uma maneira muito trágica, que é a falta do fator humano. Em Portugal estamos numa situação em que sabemos que 40% do nosso corpo docente se vai reformar até 2030, e bem. Pode haver é uma tentação excessiva de, com a falta deste fator humano, que ainda me parece um fator essencial para o ensino, carregar ainda mais nas tecnologias. Com as apps para aprender a leitura, e as apps para aprender matemática, e tudo o mais.

**IC:** Parece-nos que a Susana já se adiantou e avançou para o tema seguinte, que é precisamente a desigualdade e a equidade no acesso à educação...

**NZ:** Bem, a Susana já mencionou um conjunto de questões que são reais e sobre as quais temos dados empíricos. De facto, está tudo relacionado com a tecnologia e existe o termo ‘brecha digital’ para referenciar essa situação. Este exemplo de alguém que está com um telemóvel a ser partilhado entre três crianças é um exemplo que nos deveria fazer a todos refletir. Parece tudo muito simples, mas quando olhamos para a televisão e vemos o #estudeemcasa, verificamos que os professores que fizeram os programas esforçaram-se imenso e conseguiram realmente criar momentos muito interessantes para as crianças, mas depois há toda uma realidade que desconhecemos e que não podemos escamotear.

Não podemos partir do princípio de que toda a gente tem acesso a tudo isto, e que isto é tudo um mundo de facilidades. Porque, para além do acesso às tecnologias, o suporte familiar é muito importante. As crianças sozinhas não vão fazer milagres só com a tecnologia. Existem estudos que contrapõem isto, há algumas pessoas que são até bastante financiadas com estudos do género: basta colocar um computador no meio de uma tribo que as pessoas sozinhas fazem e acontecem. A verdade é que não podemos pegar num estudo com 13 ou 15 miúdos e passá-lo para a realidade do planeta. Faz lembrar aquela ideia de irmos buscar os modelos de ensino à Finlândia e pensar que eles encaixam em Portugal e, na verdade, não encaixam. São realidades distintas e têm de ser trabalhadas de modo distinto e a questão da tecnologia é realmente uma sobrecarga sobre o processo educativo.

É que a própria tecnologia em si demanda um conjunto de competências, mas também um conjunto de recursos humanos que normalmente não estão presentes. Uma grande parte das escolas do país tem computadores, mas uma grande parte deles não funciona ou não tem acesso à net ou não tem o *software* que é necessário. Os computadores chegam às escolas e ao fim de três anos já não suportam as últimas tecnologias. Porque a tecnologia é isso mesmo, é um mundo de negócio.

A questão é que estas tecnologias todas não nos oferecem as mesmas garantias que, por exemplo, aquela maquinaria mecânica que existia há 100 anos, porque o tipo de trabalho, a forma como elas operam presta-se mais a erros e a problemas do que essas ferramentas mecânicas. E isso é uma coisa que normalmente também não é colocada em cima da mesa, porque assustaria logo quem financia. Por exemplo o ChatGPT é muito interessante e toda a gente fala dele, mas ele origina erros e as pessoas até falam nisso, mas é como se fosse algo secundário.

E a Microsoft inseriu-o no seu motor de busca, pois como se sabe, a Microsoft quer ultrapassar a Google ou, pelo menos, arranjar uma quota de mercado.

Ainda sobre a pandemia COVID, de facto, nunca houve uma necessidade estatística para os jovens ficarem em casa. Ao fazê-lo, criou-se uma bomba-relógio que já estamos a receber na universidade e vamos continuar. Estes adolescentes têm falhas.

**AC:** Efetivamente essas falhas existem seja por má qualidade da rede seja por dificuldades socioeconómicas dos agregados familiares e também das próprias escolas que não estão em geografias de economia forte. Este é um país pobre com dois milhões e meio de pobres. A este propósito recorro o sociólogo Alfredo Bruto da Costa, que publicou dois volumes sobre a pobreza em Portugal e as relações com a educação e a economia. Ele afirma que, sem apoio social do estado, em vez de dois milhões e meio de pobres, teríamos cerca de cinco quase seis milhões de pobres em Portugal e, portanto, quando nós falamos de desafios do digital e da educação, também temos de falar de políticas de negócio.

Gostaria ainda de salientar o livro de André Schiffrin, intitulado *O negócio dos livros*, onde se aborda a questão dos livros face à tecnologia. A política de preço editorial e a política de preço livre em Portugal é impeditiva da maioria das pessoas acederem ao livro, portanto um dos desafios com que nós estamos confrontados é este. E a longo prazo, um dos cenários mais curiosos será talvez este, a reboque da pandemia e a reboque das várias experiências pedagógicas feitas aquando da pandemia, pode dar-se o caso de em 2030 o professor ser substituído por aulas *online*, haver sequências de ensino que são gravadas previamente e isto pode traduzir-se no fim da profissão docente tal como nós a conhecemos, porque se eu tenho sequências de ensino gravadas *online* para auditórios de 300 alunos, torna-se mais barato para o sistema de ensino. No entanto, ressalvo, se o humano se presta apenas ao culto do dinheiro tarde ou cedo vai cair nos mesmos erros da história. Essa mentalidade pode conduzir-nos, até por causa da inteligência artificial e do seu mau uso, a um mundo que eu sinceramente não desejo e acho que nenhum de nós deseja. Quando as nossas crianças, quando os nossos adolescentes, quando os nossos estudantes, em contexto universitário ou secundário manifestam uma ausência quase total de curiosidade científica, há um adormecimento das faculdades cognitivas.

Na verdade, só vejo uma saída no contexto educativo, seja no do primeiro ciclo ou superior, a formação de professores deve voltar a ser uma formação de professores a sério em que professores estagiários venham de novo a ter turmas para gerir e lecionar. Os professores podem e devem apostar no auxílio do digital, mostrando bons documentários, mostrando edições que estão disponíveis no *online*, mostrar, no caso da minha área, edições raras, dar memória e conhecimento do passado com instrumentos do presente e do futuro. Sem memória, estamos apenas a formatar e a formar aquilo que são os analfabetos funcionais. Julgo que os professores, no final de um curso superior, têm de ser capazes de escrever um ensaio, um ensaio filosófico histórico, filosófico-crítico, económico ou crítico.

A formação de professores deve voltar tanto quanto possível a um modelo clássico em que há um metodólogo e trabalho científico feito a sério no final de estágios profissionais.

**SP:** Sem dúvida que a internet é um repositório infinito de sabedoria incrível e as crianças e adolescentes têm acesso a coisas extraordinárias, mas entendo que também têm de ser os pais e as mães a auxiliar a distinguir o trigo do joio. Eu acho que a internet tem um potencial incrível para os miúdos terem acesso a conhecimento de enorme qualidade, de ganhar gosto pela ciência, ganhar gosto pela leitura. É obvio que nem todos os adultos têm esta capacidade de distinguir o trigo do joio e cria-se o tal fosso de saber usar os meios digitais.

Portanto, isto não tem apenas a ver com a infraestrutura física, ou seja, ter um bom computador, ter um bom *tablet* com a velocidade necessária com qualidade de vídeo necessária. Tem também a ver depois com a outra infraestrutura que é o *software* dos adultos à volta, que podem ajudar um pouco a guiar os miúdos.

**IC:** E como é que a escola pode aproveitar isso de forma positiva?

**SP:** Eu julgo que é preciso formar. Ou seja, eu acho que se calhar entramos mesmo na formação dos professores, pois eu acho que a escola tem um papel importantíssimo a substituir-se às famílias ou a complementar o papel das famílias nesta formação, o usar bem as redes sociais, a internet e, parece-me, que tem de haver mesmo uma convicção muito profunda de chegar às escolas. Considero mesmo muito importante que a escola tenha esse papel, ou seja, vamos ensinar os jovens a viver neste mundo e não escondê-lo.

Ensiná-los a fazer buscas na internet e ensinar os perigos das redes sociais. Sem dúvida que isso é mesmo muito importante, portanto, eu acho que isso é uma primeira vertente em que a escola tem que ter um papel. Agora, eu também acho que se há coisa que a pandemia nos trouxe, e desse ponto de vista eu estou mesmo totalmente em desacordo com o António, é que não acho nada que em 2030 nós vamos ter a escola substituída por um meio completamente digital.

Alguns complementos de material *online* digital, por exemplo o Teams e outras plataformas onde os jovens têm acesso aos trabalhos de casa, podem ser úteis e, portanto, eu acho que isso pode ter vindo para ficar. Por exemplo, agora temos reuniões online, acho isso bom. Agora se há coisa que a pandemia de facto nos mostrou foi que estes meios digitais têm limitações muito, muito fortes e que são um desastre completo. Há países onde isso ficou mais forte, eu acho que em Portugal nós não fazemos o processo disso. Eu recorro que em Inglaterra o ministro da Educação pediu desculpa. E aqui, pelo contrário, saíram até dados referindo que os miúdos aprenderam mais durante a pandemia, falta-nos fazer esse processo da pandemia.

A qualidade dos professores e o fator humano estão muito bem estabelecidos na literatura e, portanto, eu não acredito nada que nós, em 2030, vamos ter um ensino exclusivamente *online* ou digital. Entendo que essa distopia está mesmo muito longe de nós.

Há que frisar que, em Portugal, temos um desafio muito grande pela frente, que é precisamente o fator humano estar em falta.

**IC:** O que é que a escola tem então de fazer?

**NZ:** A escola é um processo de ensino e aprendizagem, é um processo de interação humana e se não há interação humana não há processo de aprendizagem. Nós aprendemos, por natureza, através da imitação.

Ora, estes debates tendem sempre para os extremos, ou o ataque total à questão tecnológica, porque ela está a destruir a escola, ou a ênfase da tecnologia que vai salvar a escola. Há arautos da educação que defendem que a escola está muito mal e a única maneira de salvar a escola é a tecnologia, e é a única maneira. Eu fico francamente possesso com os dois discursos, temos de ver o lado bom e o lado mau, e na verdade é assim, o que é que nós estamos aqui a fazer? Estamos a tentar passar conhecimento às crianças para que elas aprendam a lidar com o mundo.

No debate sobre as tecnologias na escola também existem aspetos positivos. Por exemplo, sou bastante crítico do ChatGPT, mas não sou crítico ao ponto de dizer que tem de ser proibido. Isto porque entendo que há coisas fantásticas no ChatGPT. A partir do momento em que uma criança com uma dúvida, que está numa sala de aula com mais 29 crianças, e não tem a disponibilidade psicológica para colocar uma pergunta ao professor, porque está envergonhada, porque sabe que vão gozar com ela, porque sabe que se calhar não é a pergunta certa, se calhar já devia saber aquilo, quando chegar a casa e perguntar ao ChatGPT, consegue estabelecer um diálogo com ele, e aprender de uma forma que não aprenderia nenhuma outra forma, porque estabelece um diálogo em que vai colocando questões, é um diálogo prático em que se vai aprendendo aos poucos. E isso a Wikipédia não faz, só o ChatGPT é que faz, porque eu para aprender através do Wikipédia tenho que já ter algum conhecimento mínimo, para poder desmontar todos os argumentos que lá estão. Nós podemos ler muito, mas não chega, porque se nós não debatermos com os

nossos colegas do lado, os livros só criam uma acumulação de conhecimento. Nós precisamos de debate, discussão, de ser confrontados.

É verdade que as nossas crianças vivem uma geração diferente da nossa, nós já vivemos uma geração diferente dos nossos pais. O cinema que eu vi, maioritariamente, começa nos anos 80. Eu vi quase todo o cinema para trás, porque sou cinéfilo desde muito miúdo. Mas, o cinema dos anos 90 é diferente do cinema dos anos 80, o ritmo é diferente.

Por isso, nós temos de perceber que os miúdos que estão agora na escola, que estão a entrar nas universidades, já são de outra geração. Temos de descer do nosso pedestal e perceber que a novidade que se passa, às vezes, é difícil de encaixar na nossa estrutura mental.

Eu acho que, quanto melhores os nossos professores forem, mais capazes vão ser as nossas gerações, porque eles vão transmitir esses valores. As crianças aprendem por imitação. Obviamente, se o professor que está à frente dele tem pouco conhecimento, lê pouco, vê pouco, não consegue transmitir esse valor. Esse é que é o drama. E, por isso, o que nós temos de fazer é formar o melhor possível os nossos professores, no fundo é simples.

**IC:** Se tivessem que lançar, num minuto, uma ideia síntese no âmbito da temática que estamos aqui a analisar, que ideia seria essa para os desafios na formação de professores e da escola no mundo interconectado?

**SP:** Eu gostaria de relevar a importância do fator humano. Em boa verdade, o modelo de progressão na carreira dos professores portugueses é mau, porque se baseia na nota da licenciatura e na antiguidade. São dois critérios que estão muito pouco relacionados com a qualidade dos professores, das professoras. Penso que é importante implementar mentorias interpares, obviamente, com pessoas com mais experiência. Seria interessante direcioná-las para um objetivo, ou seja, em conjunto refletir o que se pretende alcançar com determinada prática letiva e desenhar instrumentos para isso. Entendo que isso se aplica completamente aos instrumentos digitais e ao mundo interconectado.

Certamente, também, não dizer aos jovens para não se meterem por aí, porque isso é uma receita para o desastre. Em Portugal existe um problema de formação de professores mais geral e penso que Portugal vai ter de fazer essa reflexão sobre as experiências internacionais que mudam um pouco a formação dos professores, e mudar de métodos mais tradicionais para métodos um bocadinho mais indutivos em que se pega em pessoas com diplomas universitários, mas que não fizeram necessariamente a via de ensino e depois se formam na própria prática, isso também encaixa muito bem com o conceito de mentoria.

**NZ:** Há muitas ideias a reter neste âmbito, mas gostaria de ressaltar que, um aspeto altamente positivo, é que existe um interesse do corpo docente nacional por estar atualizado, ir a *workshops*, a formações. E a verdade é que a maior parte dos professores fazem isto nos seus tempos livres, aos sábados e domingos.

Estamos constantemente a ouvir que a escola está parada na Revolução Industrial. Ora, há questões que estão relacionadas com a própria inserção da tecnologia nas escolas, um tema nem sempre fácil. As plataformas tecnológicas têm muitas exigências, não só financeiras, mas também humanas e, em muitas escolas, quem faz a manutenção desses sistemas são os professores de TIC, que atuam por carolice. Isso não me parece justo. Fazem falta verdadeiros técnicos de informática.

Nos últimos meses temos visto o corpo docente na rua a abordar todas estas questões e isso parece-me importante. Se o nosso corpo docente for mais respeitado, não vamos ter os jovens a dizer que o professor não percebe nada de tecnologia. Por vezes, surgem comentários de que os alunos sabem mais de tecnologia do que os professores, isso tem de ser mudado. Não podemos exigir voltar a um tempo que apraz aos mais velhos, pois os nativos digitais (Prensky, 2001) existem efetivamente.

Eu acho que se calhar faz falta haver um maior respeito pela escola, pelo corpo docente.

**SP:** Só gostaria de acrescentar um aspeto. Uma das evidências que existe acerca do impacto da qualidade dos professores e das professoras nos alunos, não é só naquilo que eles aprendem, é depois também no próprio salário mais tarde. Portanto, investir no corpo docente das escolas é um excelente negócio. E devemos explorar essa parte também.

## 2 Referências

- Desmurget, M. (2021). *A fábrica de cretinos digitais. Os perigos dos ecrãs para os nossos filhos*. Contraponto.
- Carr, N. (2012). *Os superficiais. O que a internet está a fazer aos nossos cérebros*. Gradiva.
- Costa, A. B. (2008). *Um olhar sobre a pobreza*. Gradiva.
- Patino, B. (2020). *A civilização do peixe-vermelho*. Gradiva.
- Prensky, M. R. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1–6.  
<https://doi.org/10.1108/10748120110424816>
- Schiffrin, A. (2013). *O negócio dos livros*. Letra livre.